DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14535942>

Atuação do psicólogo no processo de desenvolvimento infantil: relato de experiência de estágio na creche Casa da Criança, em Petrolina-PE

Danilly Rafaelly Martins Cruz
danillycruz@hotmail.com
Graduando do curso de Psicologia - UNIVASF

Elzenita Falcão de Abreu
elzenita.abreu@univasf.edu.br
Docente orientadora de Estágio Básico em Psicologia - UNIVASF

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar, através de relatos, as experiências vivenciadas durante o Estágio Básico II, componente curricular do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, desenvolvido na Creche Casa da Criança, na cidade de Petrolina-PE. A fundamentação teórica utilizada abrange conceitos relacionados ao desenvolvimento e à aprendizagem na infância, envolve aspectos como egocentrismo e surgimento da linguagem, peculiares do período pré-operatório, uma das etapas do desenvolvimento humano definidas por Jean Piaget. As atividades realizadas foram compostas por observação, brincadeiras, histórias infantis e outras ações que proporcionaram um espaço lúdico às crianças na faixa etária de 03 anos de idade. A interação e convivência com o público infantil são fatores que diferenciam essa atividade curricular. A experiência adquirida é significativa, pois trouxe consigo uma nova percepção em relação à atuação do Psicólogo em instituições de caráter assistencial.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; estágio básico; creche.

Introdução

As práticas de cuidado direcionadas à criança têm influência direta na formação da personalidade (KELLER apud LORDELO, 2002). O ambiente familiar proporciona as experiências iniciais; contudo, outras instituições socializadoras também compõem esse espaço de desenvolvimento.

A avaliação das creches como ambientes de desenvolvimento faz parte das discussões acerca dos efeitos prejudiciais dos vários contextos de criação. Questiona-se a adaptação desse espaço como ambiente de desenvolvimento devido aos seus possíveis riscos para a formação da criança, visto que envolve um complexo mecanismo no ato de cuidar demandado pelo público infantil, principalmente nas faixas etárias iniciais.

Os estudos que embasam tais preocupações enfatizam a análise da qualidade do ambiente, considerando os diversos aspectos de desenvolvimento (LORDELO, 2002). Com o objetivo de se consolidar como um ambiente de incentivo ao desenvolvimento infantil, a creche assume seu papel educacional e fornece condições favoráveis aos profissionais que a compõem, para que adotem essa postura de estimuladores neste processo (ADORNI, 2002).

As primeiras creches brasileiras surgiram no início do século XX, em meio ao movimento sindical. Inicialmente, a resistência das famílias, em buscarem o auxílio dessas instituições, era considerável, já que representavam, na concepção social, prejuízos ao desenvolvimento afetivo

das crianças. Apesar dos riscos relacionados às creches, ao longo das décadas, através de inúmeras pesquisas realizadas, ela passou a ser caracterizada como um espaço rico em interações sociais, que contribuem significativamente para o desenvolvimento do indivíduo em formação (CUNHA, 2002).

Na avaliação da educadora Regina de Assis (2007), presidente da MULTIRIO, em coluna virtual sobre instituições de ensino, a creche, hoje, é fundamental na educação de qualquer criança, rica ou pobre. "A creche não substitui o papel da família, mas ela pode complementar a educação das crianças independente de sua classe social".

O presente artigo tem como principal objetivo expor experiências adquiridas durante as atividades desenvolvidas no Estágio Básico Curricular II, realizado na Casa da Criança – Creche, em Petrolina – PE, durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2008. Essa atividade extraclasse é um dos componentes curriculares do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

A função da creche e o papel do psicólogo

Nas últimas décadas, seguindo a tendência mundial, o Brasil tem sofrido um processo de transformações socioeconômicas e culturais, as quais têm provocado um crescente número de mulheres atuantes no mercado de trabalho. Esse fato deve-se à necessidade de realização profissional, de estabelecimento de vínculos para além do espaço doméstico, de independência financeira, da necessidade feminina em contribuir para a renda familiar, entre outros aspectos (VAITSMAN apud AMORIM, 1999). Assim, a saída para as mães, em relação ao cuidado dos filhos, durante esse período de ausência, está em buscar soluções alternativas como um apoio externo, seja de parentes ou de instituições especializadas nesse tipo de assistência.

A creche pode ser um espaço adequado para o desenvolvimento e cuidado das crianças, embora suas reais diretrizes venham sendo rediscutidas. Conseqüentemente, essas instituições se transformam em espaços dinâmicos onde são desenvolvidas atividades com procedimentos adequados, que colaboram para o desenvolvimento infantil nas diversas dimensões.

O Estatuto da Criança e Adolescente - ECA - estabelece que a criança, como cidadã, deve ter seus direitos respeitados, enquanto ser em desenvolvimento, portador de necessidades e características específicas. A lei passa a reconhecer que creche não é apenas uma instituição para a mãe deixar sua criança enquanto desempenha uma atividade profissional, mas um espaço, que participa e compartilha com a família e com a comunidade, a respeito do desenvolvimento infantil e da educação integral.

A atuação de psicólogos, em tais instituições, é fundamental, visto que a compreensão dos processos de crescimento e desenvolvimento humanos envolve tanto os aspectos biológicos como os psicológicos. Essa concepção se fortalece ao longo das décadas. Segundo Adorni (2002), a partir da década de 50, o discurso psicológico passa a ser enfatizado nesse âmbito.

Alguns aspectos como os prejuízos causados ao desenvolvimento infantil pelo cuidado compartilhado por várias pessoas de forma descontínua, entre outros, foram abordados e contribuíram para que essa visão sistêmica se fortalecesse.

As mudanças geradas por tal fato foram significativas. O período higiênico (cujo foco principal se resumia a cuidados destinados à saúde física das crianças) das creches, no qual, enfermeiros e médicos se destacavam, foi complementado pela estrutura, que enfatiza os cuidados em nível

psíquico, e, conseqüentemente, os contatos físicos e afetivos ganharam importância (PEROSA apud ADORNI, 2002).

O contexto da creche Casa da Criança

A Casa da Criança foi fundada no dia 02 de junho de 1967 e representa uma Instituição Filantrópica bastante tradicional na cidade. Ao longo desse tempo, desempenha um importante trabalho assistencial destinado a atender crianças e mães de baixa renda. Atualmente, é mantida pela Associação Petrolinense de Amparo à Maternidade e à Infância (APAMI), sendo coordenada pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, uma congregação católica alinhada com os trabalhos pastorais da Diocese de Petrolina-PE (MIRANDA, 2007).

Atualmente, a entidade acolhe, em regime de semi-internato, das segundas às sextas-feiras, crianças de quatro meses a seis anos de idade. A equipe que integra a Casa da Criança é formada por assistentes sociais, além de voluntários, como nutricionista, psicólogo, médicos, odontólogos, professores de dança popular, balé e recreadores.

A Casa da Criança transformou-se num exemplo de como garantir o bem-estar de crianças carentes do município. A princípio, referir-se ao direito à educação é reconhecer a função dos fatores sociais na formação do indivíduo e, sendo a educação um fator indispensável ao desenvolvimento, são necessários ambientes adequados para que esse processo seja estimulado em toda a sua potencialidade (PIAGET apud ADORNI, 2002). Podemos perceber que essa é uma das metas dessa instituição.

Todos que compõem a Casa da Criança se mostram comprometidos com os cuidados necessários às crianças e interação, constantemente, com pais e responsáveis, seja por meio de atividades formais na instituição, seja por meio de conversas informais, cujo tema, frequentemente, é o desempenho individual das mesmas.

Existe, entre os funcionários da instituição, um clima de amizade e cooperação. Eles estão sempre preocupados uns com os outros e, devido ao convívio constante, todos agem responsabilmente com as crianças dos diferentes setores. Esse afeto é refletido na relação entre essas crianças, que convivem bem com seus pares, independentemente da idade.

Fundamentação teórica

O desenvolvimento humano constitui uma área de conhecimento da Psicologia, que se caracteriza pelo esforço de compreender o homem em suas diferentes fases e aspectos, desde o nascimento até a maturidade. Esse esforço tem colaborado para a construção de uma linha evolutiva nessa área de conhecimento, onde são encontradas diferentes metodologias e representações de mundo, marcadas por características condizentes com o período histórico da sociedade (TERRA, 2006).

Dentre os teóricos que se destacaram nessa área, está Jean Piaget. Ele afirma que os seres humanos passam por etapas de mudanças ordenadas e previsíveis (ZACHARIAS, 2007). Para ele, a criança se caracteriza como um ser dinâmico, que interage com a realidade, pessoas e objetos, de forma ativa e, a partir dessa interação com o meio, elas constroem estruturas mentais, ou seja, esquemas que constituem uma unidade básica de pensamento. A cada contato com algo novo, o indivíduo sofre o processo de desequilíbrio e equilíbrio, caracterizado pelo esforço direcionado à adaptação e ao equilíbrio do organismo.

Essa busca do organismo por novas formas de adaptação, gera o desenvolvimento do raciocínio e da inteligência, que ocorre por meio da assimilação e acomodação, em que o sujeito adquire, através da interação, novos conceitos que passam a fazer parte de sua estrutura mental. Tais esquemas vão se reformulando, o que configura a mudança de estágios no processo de formação.

Considera-se, ainda, que o processo de desenvolvimento ocorra por um conjunto formado pela maturação (crescimento biológico), pela exercitação (formação de hábitos), pela aprendizagem social (linguagem, costumes, aquisição de valores, padrões culturais e sociais) e equilíbrio (autorregulação interna, processo de busca de reequilíbrio após ter sofrido uma desequilíbrio) (ZACHARIAS, 2007).

Para Piaget, os estágios e períodos de desenvolvimento caracterizam as diferentes maneiras de o indivíduo interagir com a realidade, podendo organizar seus conhecimentos para uma melhor adaptação, constituindo-se na modificação progressiva dos esquemas de assimilação. Cada estágio engloba o outro e o amplia, não havendo uma idade determinada para cada um deles, mas uma sequência constante.

As etapas de desenvolvimento classificadas por Piaget são: o período sensório-motor (de 0 a 02 anos). Durante essa etapa, as funções mentais da criança limitam-se ao exercício dos aparelhos reflexos ou inatos. E ela, aos poucos, vai se aperfeiçoando em tais movimentos (sucção, movimentos dos olhos, por exemplo) e, progressivamente, percebe-se como agente e paciente dos eventos que ocorrem. O período pré-operatório (de 02 a 07 anos). É marcado pela emergência da linguagem e pelo egocentrismo intelectual e social. Nesse período, a criança não concebe uma realidade da qual não faça parte (PIAGET apud TERRA, 2006).

No período das operações concretas (de 07 a 12 anos), há a emergência da capacidade de a criança estabelecer relações e admitir pontos de vista diferentes. É marcado pela capacidade de interiorização das ações, e ela passa a realizar operações mentalmente. O período das operações formais (de 12 anos em diante) é caracterizado pela habilidade de crítica aos sistemas sociais, pela discussão de valores morais de seus pais e construção de seus próprios valores. Segundo Piaget, ao atingir essa fase, o indivíduo alcança um padrão intelectual, que persistirá com uma ampliação do conhecimento, durante a idade adulta (PIAGET apud TERRA, 2006).

Entre os 02 e 07 anos de idade, a linguagem surge como fator principal. Conforme Piaget, o marco da transição do período sensório-motor para o pré-operatório é o surgimento da função simbólica ou representação (PIAGET apud FABRI, 2006).

A linguagem é uma ferramenta importante, porém não suficiente para o desenvolvimento, visto que a inteligência é anterior ao surgimento da mesma. Durante esse período, a criança desenvolve modificações importantes em aspectos cognitivos, afetivos e sociais; a linguagem passa a ser mediadora das interações; além disso, proporciona às crianças a capacidade de atribuição de significados à realidade (PIAGET apud TERRA, 2006).

Nessa etapa, a criança é capaz de fazer uma coisa e imaginar outras, como, por exemplo, brincar com algum objeto e representar situações vividas anteriormente. São também peculiares, nessa fase, a curiosidade e os constantes questionamentos formulados a partir dos “porquês”. Elas acreditam que tudo deve ter uma explicação e, frequentemente, agem por simulação; por exemplo, simulam quedas ou ferimentos para chamar a atenção. Para Lima (2004), embora o alcance do pensamento apresente transformações importantes, caracteriza-se pelo egocentrismo, já que

a criança não concebe uma realidade da qual não faça parte, devido à ausência de esquemas conceituais e da lógica.

Os jogos, os brinquedos e as brincadeiras são indispensáveis para a vida das crianças, no que diz respeito ao desenvolvimento infantil, visto que elas, quando brincam, assimilam e transformam a realidade. Esses recursos lúdicos caracterizam uma forma de proporcionar às crianças um espaço para o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional. A partir do ato de brincar, inúmeras transformações e diferenciações são estimuladas na criança, por exemplo, perto e longe, interno e externo (VILLANI, 2002).

Para Piaget (PIAGET apud ZACHARIAS, 2007), a educação deve possibilitar à criança um conhecimento amplo e dinâmico, desde o período sensório-motor, com o intuito de promover a descoberta e a construção do conhecimento. As instituições de ensino devem priorizar materiais educativos, histórias, ilustrações. Essas devem reunir o máximo de informações a fim de serem oferecidas como mediadoras para o processo de aquisição de conhecimento, para que essa ocorra de maneira motivadora e satisfatória.

Metodologia

O Estágio Básico II teve carga horária de 60 horas, que foram divididas em 15 horas de orientação e 45 horas de atividades dentro da instituição. As atividades realizadas foram compostas por observação, brincadeiras, histórias infantis e outras ações que pudessem proporcionar às crianças um espaço lúdico.

As atividades planejadas e realizadas tiveram a orientação de Elzenita Falcão de Abreu, docente do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, que atua na linha de pesquisa relacionada aos Processos de Desenvolvimento. A supervisão técnica ficou a cargo da Irmã Maria Expedita Alves, membro da Creche Casa da Criança.

Devido à demanda da instituição e às sugestões da professora orientadora, a equipe de estagiários atuantes na creche, composta por cinco estudantes do curso de Psicologia da UNIVASF, foi dividida em dois grupos. O primeiro ficou responsável pelo setor, cuja faixa etária era de 02 anos de idade; já o segundo, do qual fiz parte, foi direcionado ao maternal B, composto por crianças de 03 anos de idade.

Com base em afirmações de Piaget, quanto ao surgimento da linguagem e sua relação com as interações infantis, foram elaboradas atividades que tinham como objetivo conhecer as crianças no seu ambiente, no que diz respeito à interação social, aos valores, à aquisição de conhecimentos, entre outros aspectos. Logo, foram utilizados recursos como brincadeiras, histórias, ilustrações, conversas. Fatores como a livre brincadeira no parque da instituição e a relação das crianças com a professora, e também entre elas, foram observados durante o período de realização do estágio.

Análise da experiência de estágio

Durante o período de estágio na Instituição, pude analisar alguns aspectos, dentre eles, a presença de apenas uma “professora” por sala. Creio que seja bastante desgastante para uma única pessoa cuidar de 22 crianças e observá-las. Identifiquei que, em boa parte do período de observação, ela não propôs brincadeiras dentro da sala. Seu método se baseava em ações sérias e enérgicas, frequentemente, de natureza rude, sem oferecer um espaço agradável de ensino-

aprendizagem.

Essa análise evidencia e justifica a discussão acerca do papel dos profissionais que compõem as creches e a importância da aquisição da postura de estimulador do desenvolvimento das crianças que frequentam o ambiente.

Portanto, por meio da atuação dos estagiários, foi possível notar mudanças em relação a esses aspectos. A presença de brincadeiras com fins educativos trouxe à professora uma nova percepção e mudanças no seu comportamento, que foram comprovadas em outras visitas da equipe no local. Também foi perceptível a aceitação das crianças à nova rotina inserida, pois pediam que essa se estendesse aos outros dias em que frequentavam a creche.

A presença de um psicólogo na instituição seria significativa, pois ele poderia orientar as professoras em relação à inserção de atividades que estimulem o processo de desenvolvimento, além de dar instruções de como agir e se comportar a fim de melhorar seu desempenho.

O profissional dessa área pode sugerir atividades que desenvolvam habilidades, psicomotricidade, fatores cognitivos e afetivos, principalmente por meio de brincadeiras, mesmo com a resistência e o preconceito, por parte das professoras, sobre o real intuito de tal metodologia. Além disso, ele pode estender as orientações aos pais e responsáveis para que, de forma conjunta, creche e família contribuam positivamente para o desenvolvimento dessas crianças.

Frequentemente, dificuldades foram identificadas na execução das atividades planejadas devido à carga horária diária disponível, porém o tempo foi satisfatoriamente aproveitado. Enquanto as crianças aguardavam a refeição no pátio, determinadas brincadeiras eram aplicadas ou histórias eram contadas, levando-se em consideração a possibilidade de aplicação nesse espaço de tempo encontrado.

Apesar do planejamento e rotina pré-determinados na instituição, as atividades de estágio foram desenvolvidas. As crianças que tiveram acesso à metodologia demonstravam interesse em ouvir as histórias e participar das brincadeiras sugeridas, o que caracteriza um ponto importante deste trabalho.

A partir dessa experiência, pude perceber a importância de oferecer o espaço lúdico às crianças da creche, e seria uma sugestão importante inserir sempre uma história infantil na sua rotina, visto que estimularia aspectos relevantes no desenvolvimento delas; seria um espaço novo para a expressividade e o aprendizado.

Durante a realização das atividades, tive a oportunidade de relacionar, através de observações e aplicação de atividades, determinadas abordagens teóricas (Jean Piaget) com a prática. Um dos primeiros fatores observados e relacionados à teoria Piagetiana foi o egocentrismo que marca o período pré-operatório, entre 02 e 07 anos, já que as atividades eram realizadas numa sala cuja faixa etária média era de 03 anos. Ações, com a finalidade de chamar a atenção para si, eram constantes.

Nessa fase, percebe-se que as crianças são portadoras de falas e gestos egocêntricos, apresentando um entendimento desequilibrado da realidade, em função da ausência de esquemas conceituais. Em alguns momentos, ficou evidente, além das falas egocêntricas, o jogo simbólico, no qual uma cadeira ou um pedaço de madeira perdem seu significado real e passam a simbolizar o que a criança deseja.

Mesmo com o surgimento da linguagem, quando está em grupo, brincando, ela faz uso da fala egocêntrica, indiferente à conversa com os outros colegas. Elas usam símbolos e trocam a ação pela representação que, segundo Piaget, marca o início do pensamento.

No que diz respeito à psicomotricidade, afirma Fonseca (1996) que é por meio das brincadeiras e dos jogos que surgem os fatores libertação e formação. É, também, através dos recursos lúdicos que as crianças obtêm satisfação; estruturação do esquema corporal; sua relação com o espaço e o tempo, estimulando a demonstração de afetividade, além de desenvolver a socialização (FONSECA apud GORETTI, 2004).

Na livre brincadeira, observei a diversidade na adaptação dos movimentos por parte das crianças. O simples fato de descer no escorregador é, inicialmente, realizado de frente, mas, depois, cada um quer descer de uma forma diferente ou empurrar os colegas.

Assim, no trabalho com crianças, deve-se estimular a variabilidade de comportamentos, principalmente, no início do processo de aprendizagem, pois ensinar a todas as crianças uma técnica mais adequada para resolver um problema pode resultar na aprendizagem de movimentos estereotipados com pouca adaptabilidade. Isso pode ser um limitador para a criança ao se deparar com situações diferenciadas.

Considerações finais

As abordagens teóricas vistas em sala são relevantes e importantíssimas na formação de qualquer profissional, independente da área em que atue; porém, a experiência prática proporciona aos futuros profissionais a construção de um senso crítico, de uma visão extraclasses necessária para a consolidação ou reformulação de conceitos e ideias originadas durante todo o processo de formação.

O psicólogo, diferentemente de boa parte dos outros profissionais, traz consigo a competência ou capacidade de analisar situações, comportamentos e ações, sem que a visão parcial dos fatos seja estimulada, ou que a emoção prevaleça em detrimento da razão. Portanto, as experiências iniciais em campo são fundamentais na construção de uma base para a criação ou o aperfeiçoamento de tal competência.

A transição da percepção empírica para uma análise profissional dos fatos se inicia em atividades como essas, em que os aspectos empíricos relacionados à forma de se comportar e agir, diante de situações, serão comuns na vida como profissional de Psicologia. Ao longo do tempo, os mesmos serão substituídos pelas experiências profissionais. Assim, a interação com a comunidade durante o processo de maturação profissional, independente da área enfatizada, é primordial na formação do psicólogo.

Outro fator relevante e peculiar do estágio realizado na Casa da Criança foi a interação com o público infantil que, muitas vezes, pode ser erroneamente classificada como pouco significativa, mas essa experiência, por outro lado, mostrou-se muito enriquecedora para a minha formação, no sentido de adquirir uma outra visão acerca da aprendizagem infantil, como também a contribuição que o psicólogo pode oferecer tanto para pais, como para educadores, no sentido de orientações e troca, a fim de que seja fortalecido esse elo casa-escola, instigando a criança individualmente, durante o processo de crescimento e desenvolvimento.

A formação do indivíduo se dá por meio de um processo, que envolve não apenas fatores inatos, mas também fatores sociais e culturais relevantes para a constituição do ser. Dessa forma, percebe-se que, nesses processos interacionais da criança com a creche, a mediação do psicólogo contribui para que o desenvolvimento infantil seja favorecido, quando possibilita a interação dos educadores, famílias e crianças, já que tal ação vem propiciar uma visão mais ampla dos envolvidos com a educação e também estabelece um diálogo primordial acerca de fatores que perpassam o ato de ensinar e aprender.

A partir dessa concepção, no que concerne ao Estágio Básico II, realizado na instituição Casa da Criança, considero uma experiência única, não só pela nova percepção adquirida em relação à profissão, mas também pela interação e convivência com crianças, que me acolheram e me trataram com enorme carinho, e, apesar de serem meninos e meninas com três anos de idade, transmitiram-me lições valiosas que jamais esquecerei.

Referências

ADORNI, Dulcinéia da Silva. A Creche e o Direito à Educação das Crianças de 00 a 06 anos: De Agência de Guarda a Espaço Educacional. Faculdades Integradas FAFIBE. 2002. Disponível em: <http://www.fafibe.br/revistaonline/arquivos/dulcineia__a_creche_e_o_direito_a_educacao.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2008.

AMORIM, Katia S. e ROSSETTI - FERREIRA, Maria Clotilde. Creches com qualidade para a educação e o desenvolvimento integral da criança pequena. *Psicol. Cienc. Prof.*, 1999, vol.19, no.2, p.64-69.

ASSIS, Regina de. O Problema das Creches. 2007. Coluna Virtual. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/a_gois/id110502.htm> Acesso em: 24 nov. 2008.

CUNHA, Clécia Garcia; LIMA, Márcia Helena. O Convívio da Criança de Zero a Três Anos no Espaço da Creche: Uma Reflexão à Luz da Teoria Walloniana. *Rev. CESUC*. 4. ed.vol. 6. 2002. Disponível em: <<http://www.cesuc.br/revista/ed-4/convivio.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2008.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei Nº 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2008.

FABRI, José Augusto. Utilização das Idéias de Piaget como Suporte para o Ensino de Arquiteturas de Computadores. Workshop sobre Educação em Arquitetura de Computadores – WEAC. Ouro Preto – MG. 2006. Disponível em: <<http://www.ppgee.pucminas.br/weac/2006/PDF/WEAC-2006-Artigo-06.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2008.

GORETTI, Amanda Cabral. A Psicomotricidade. Centro de Estudo, Pesquisa e Atendimento Global da Infância e Adolescência. 2004. Disponível em: <http://www.cepagia.com.br/textos/a_psicomotricidade_amanda_cabral.doc>. Acesso em: 23 nov. 2008.

LIMA, Vanessa Aparecida Alves de. De Piaget a Gilligan: retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia um caminho para o estudo das virtudes. *Psicol. Cienc. Prof.*, set. 2004, vol.24, no.3, p.12-23.

LORDELO, Eulina da Rocha. Interação social e responsividade em ambientes doméstico e de creche: cultura e desenvolvimento. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 7, n. 2, July

2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 dez. 2008.

MIRANDA, Antônio Carlos. Casa da Criança de Petrolina celebra 40 anos de existência. 2007. Disponível em: <<http://www.petrolinea.pe.gov.br/noticia.php?id=611>> Acesso em: 24 nov. 2008.

TERRA, Márcia Regina. O Desenvolvimento Humano na Teoria de Piaget. 2006. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2008.

VILLANI, Lenir Fátima; GHAZZI, Mercês Santana. O Brincar do Bebê: Uma Articulação entre a Psicanálise e a Teoria Piagetiana. Rev. Div. Cient. Ulbra Torres. Torres: Ulbra. v.1. n. 1. 2002.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara. Piaget. Centro de Referência Educacional. 2007. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/piaget.html>>. Acesso em: 21 dez. 2008.